Pedagogia Hospitalar: contribuições ao processo de humanização durante a internação de crianças/adolescente[1].

Vanessa Carvalho Landy [2]

RESUMO

A educação é indispensável para o desenvolvimento do indivíduo. Partindo dessa assertiva este artigo propõem uma reflexão sobre a pedagogia hospitalar, especificamente, no contexto do atendimento a crianças/adolescentes hospitalizados a partir da seguinte questão: Em que termos o pedagogo auxilia na continuidade da educação da criança/adolescente hospitalizado? O objetivo geral deste estudo é analisar as contribuições da pedagogia e os desafios de atuação do pedagogo em contexto hospitalar, enfatizando as atividades propostas pela educadora colaboradora da pesquisa. A pesquisa pode ser defina como qualitativa, a partir de entrevista realizada de forma não estruturada com profissional pedagoga que naquele momento, enquanto se graduava no curso, desenvolvia atividades em hospital no ano de 2015, atuando como membro de um projeto de pesquisa e extensão aplicado em um hospital no Estado do Pará; para a elaboração dessa pesquisa serviram como itens motivacionais: A importância de haver profissionais pedagogos atuando em hospitais e a doença acometida pela autora, pois sendo doente, pude perceber a limitação trazida pela doença, passando a olhar com mais carinho para o ambiente hospitalar e para a relação profissional-paciente; unindo-se esses fatores manifestam-se no decorrer desse artigo, os desafios enfrentados pela pedagogia trazidos para o ambiente hospitalar e as contribuições que a pedagogia hospitalar traz para a vida da criança/adolescente que se encontra em fase de internação hospitalar e/ou tratamento de doenças, contribuindo para a melhora de seu quadro clínico, evidenciando assim, a importância da união nas áreas de saúde e educação.

Palavras-chave: Educação; pedagogia hospitalar; humanização.

ABSTRACT

Education is essential for the development of the individual. Based on this assertion, this article proposes a reflection on hospital pedagogy, specifically, in the context of care for hospitalized children/adolescents based on the following question: In what terms does the pedagogue help in the continuity of the education of hospitalized children/adolescents? The general objective of this study is to analyze the contributions of pedagogy and the challenges of the pedagogue's work in a hospital context, emphasizing the activities proposed by the educator collaborating in the research. The research can be defined as qualitative, based on an interview carried out in an unstructured way with a professional pedagogue who at that time, while graduating from the course, was developing activities in a hospital in 2015, acting as a member of an applied research and extension project. in a hospital in the State of Pará; for the preparation of this research served as motivational items: The importance of having professional educators working in hospitals and the disease suffered by the author, as being sick, I was able to perceive the limitation brought by the disease, starting to look more affectionately at the hospital environment and at the professional-patient relationship; Coming together, these factors manifest themselves throughout this article, the challenges faced by pedagogy brought to the hospital environment and the contributions that hospital pedagogy brings to the life of the child/adolescent who is in the hospital hospitalization and/or treatment phase disease, contributing to the improvement of their clinical condition, thus highlighting the importance of unity in the areas of health and education.

Keywords: Education; hospital pedagogy; Humanization.

---

[1] Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, sob orientação do prof. Adriano Sales dos Santos Silva, apresentado a Faculdade de Pedagogia – Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Castanhal produzido em formato de Artigo de acordo com a Instrução Normativa nº 01/2023 – PROEG/UFPA.

[2] Formanda, curso de Pedagogia da faculdade UFPA, campus Castanhal, e-mail: vanessalandy2020@outlook.com.

Introdução

No ano de 2019 iniciei o curso de pedagogia e, no decorrer do curso, pude conhecer diferentes espaços de atuação profissional do pedagogo, em ambientes escolares e não escolares, dentre tais espaços, a área da saúde me despertou particular interesse. Soma-se o fato de aos 29 anos de idade ter recebido um diagnóstico de uma enfermidade grave, nesse momento eu apenas trabalhava e não estudava, dessa forma, não precisei me ausentar de meus estudos, o diagnóstico da doença me fez refletir profundamente sobre diversos aspectos da vida, típico dos indivíduos que descobrem, de maneira repentina, que são portadores de uma enfermidade grave.

A partir disso, tenho como motivação as reflexões que a enfermidade a qual fui acometida me proporciona, então comecei a olhar com mais carinho para o ambiente hospitalar e para a relação profissional-paciente, percebendo assim, a importância de haver profissionais pedagogos atuando neste ambiente, o que me motivou a buscar informações e produzir este artigo.

Acredito que o tema escolhido para este artigo seja importante, pois conhecer a atuação do pedagogo em ambiente não escolar, mais precisamente em um hospital, é importante para a área da pedagogia. O pedagogo necessita de preparo para lidar com certas questões que, seguramente, não foram devidamente aprofundadas no decorrer do curso de pedagogia.

Para a elaboração deste artigo realizei entrevista com uma profissional pedagoga que buscando preservar a sua identidade, o seu nome será substituído pelo pseudônimo Margarida, essa escolha se deu para garantir o sigilo quanto as informações recebidas no decorrer do levantamento dos dados para a elaboração deste artigo. A colaboradora da pesquisa possui uma considerável vivência em ambiente hospitalar. A entrevista foi conduzida a partir de um roteiro não estruturado, em que as questões foram surgindo no decorrer da conversa, permitindo o expressar de modo espontâneo a sua vivência no hospital.

A entrevista foi iniciada a partir da seguinte questão: Em que termo o pedagogo auxilia na continuidade da educação da criança/adolescente hospitalizado?

Este estudo pretende analisar as contribuições da pedagogia e os desafios de atuação do pedagogo em contexto hospitalar, enfatizando as atividades propostas pela educadora colaboradora da pesquisa.

Instigada pela vivência pessoal durante o tratamento de uma enfermidade grave e o desejo de conhecer mais de perto a rotina de pedagogos que atuam em ambientes hospitalares, optei assim por abordar este tema.

Os procedimentos metodológicos adotados neste artigo foram: Revisão bibliográfica sistemática qualitativa referente a temática abordada, trazendo como fonte empírica uma entrevista não estruturada, através de um aplicativo de mensagens (WhatsApp), sendo convertido os áudios da entrevista em textos, com suporte de um aplicativo de transcrição (Transkriptor); para a análise de dados foi realizado um estudo mediante as informações coletadas na entrevista, a partir do compartilhamento de momentos vivenciados pela pedagoga no ano de 2015 enquanto a mesma atuava em um hospital como membro de um projeto de pesquisa e extensão, e por fim, possuindo como sujeito da pesquisa a pedagoga que atuou em ambiente hospitalar enquanto cursava pedagogia.

De acordo com Silva e Menezes (2001, p. 30) "[...] deverá levar em conta, para a escolha do tema, sua atualidade e relevância, seu conhecimento a respeito, sua preferência e sua aptidão pessoal para lidar com o tema escolhido", assim sendo, foi escolhido para a elaboração deste artigo o tema voltado para a pedagogia hospitalar e as suas contribuições, pois esse assunto é apreciado por esta autora, conforme mencionado, ainda segundo as autoras:

> Pesquisa é um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos. A pesquisa é realizada quando se tem um problema e não se tem informações para solucioná-lo. (Silva e Menezes, 2001, p. 20).

A formação em pedagogia possibilita a esse profissional desenvolver o seu trabalho também em ambiente não escolar mais precisamente em ambiente hospitalar, o qual inclusive, oportuniza a continuação dos aprendizados escolares por parte de crianças/adolescentes em fase de internação ou tratamento hospitalar.

Para uma melhor abordagem do tema escolhido, este artigo foi dividido em duas seções:

Na primeira seção, ***Pedagogia Hospitalar: surgimento, legislações e relevância social*** **-** Uma breve descrição sobre a história da pedagogia hospitalar, algumas legislações que garantem o direito à educação para as crianças/adolescentes hospitalizados, e discorre sobre a relação pedagogo-paciente em um ambiente hospitalar, a partir da experiência relatada e vivenciada pela colaboradora da pesquisa.

Na segunda seção, ***Pedagogia Hospitalar e suas contribuições ao processo de humanização*** **-** Refletiremos acerca da necessidade da Pedagogia Hospitalar e as suas contribuições ao processo de humanização, a partir dos relatos da profissional entrevistada em diálogo com os autores da área, pois, o ambiente hospitalar é um espaço tão intensamente desafiador quanto de aprendizado, tanto para a equipe profissional quanto para os pacientes e seus familiares.

Por fim, apresento neste artigo, as considerações finais sintetizando as conclusões que a experiência desta pesquisa me permite.

Pedagogia Hospitalar: surgimento, legislações e relevância social

A pedagogia hospitalar surgiu motivada pelos efeitos danosos ocasionados pela Segunda Guerra Mundial, onde as suas consequências foram sentidas e vivenciadas, principalmente por parte das crianças e adolescentes, pois além de ter a sua saúde prejudicada também tinham os seus estudos interrompidos em razão da necessidade de internação hospitalar para tratamento médico, onde os hospitais passaram a recebe-los de forma excessiva, diante desse contexto, a classe médica passou a amparar a classe hospitalar para que as crianças e adolescentes tivessem uma atenção melhor, possibilitando assim, um bem estar dentro dos hospitais, segundo Esteves.

> A Segunda Guerra Mundial pode ser considerada como um marco decisório das escolas em hospitais, em razão do grande número de crianças e adolescentes feridos, mutilados e impossibilitados de ir à escola. Isso mobilizou sobretudo a classe médica, que hoje são defensores da escola em seu serviço (apud Monografia de Pós-Graduação IFSP/CAB, 2014, p. 12)

Historicamente apesar do surgimento de alguns entraves na sociedade, soluções também surgiram objetivando a sua resolução, foi o que houve com a pedagogia hospitalar que diante de uma situação modificadora e principalmente desafiadora, como a Segunda Guerra Mundial, passou a dar atenção a todos aqueles que precisavam, com mais ênfase às crianças e adolescentes e não somente isso, procurou uma forma de atendê-los mediante as suas necessidades, criando inclusive um novo ambiente para a atuação do pedagogo, sendo este o ambiente hospitalar que até o momento não estava sendo empregado.

Tem sido uma experiência interessante, enriquecedora e desafiadora adentrar neste contexto incomum da atuação do pedagogo, a partir dos relatos da colaboradora da pesquisa, a pedagoga Margarida.

A pedagoga Margarida ingressou no curso de pedagogia no ano de 2013 e passou a ter um contato com a pedagogia hospitalar no ano de 2015 em um hospital, por meio de um projeto de extensão que estava atrelado a universidade a qual a mesma estudava, assim, iniciou a sua experiencia passando a atuar na ala de pediatria sendo auxiliada por uma professora a qual era coordenadora do projeto; passou a atender desempenhando as suas ações com crianças/adolescentes vindos da capital e do interior do estado que se encontravam ali internados para tratamento médico.

> No período da minha graduação, tive o contato com a pedagogia hospitalar em 2015, a partir de um projeto de pesquisa e extensão de um hospital no estado do Pará, que estava atrelado a uma universidade, por conta desse projeto iniciei minha experiência na pedagogia hospitalar, trabalhava indo duas vezes por semana na área de pediatria, juntamente com uma professora da SEDUC (Secretaria de Estado de Educação) que era coordenadora do projeto e nos direcionava juntamente com outros alunos também (graduandos) de pedagogia e de outros cursos, atendíamos as crianças que estavam hospitalizadas na ala da pediatria.

A educação é uma prática importante perante a vivência do ser humano, mediante as diversas demandas fomentadas pela educação que ocorrem no decorrer do tempo, sobre o papel da educação:

> O papel da educação, por sua vez, torna-se cada vez mais importante face à multiplicidade de demandas das necessidades sociais emergentes; é o motivo pelo qual precisa a educação, como mediadora das transformações sociais, com o apoio das demais ciências, contribuir, com maior rapidez e criatividade, para uma sociedade mais consciente, mais justa e mais humana. (Matos e Mugiatti, 2009, p. 13).

A educação pensada atualmente como estrutura norteadora no desenvolvimento do indivíduo, ou seja, visando mais do que transmitir conhecimentos, a educação tem um papel significativo na construção desse ser sociável, papel este que vem sofrendo constantes mudanças, principalmente no hospital, sobre a importância do papel do pedagogo, Margarida afirma que:

> Acredito que quando a pessoa busca o curso de pedagogia é porque se identifica com a profissão, com a área; vai com a visão de que vai trabalhar no âmbito escolar ou já com a visão sabendo mais ou menos de que a pedagogia não é restrita, somente ao ambiente escolar. Mas quando adentra a faculdade, acredito que ainda há essa carência de realmente ter mais a percepção na grade curricular, do curso, ver de forma mais ampla o papel do pedagogo no hospital, numa gestão estadual por exemplo, em outros ambientes, e não só dizer que têm outras possibilidades, mas aprofundar mais no que o pedagogo vai fazer.

A conscientização sobre a importância da aprendizagem e do atendimento educacional possibilitou a continuidade nos estudos da criança/paciente fora da sala de aula convencional, permitindo a continuidade dos estudos em ambientes não escolares, inclusive dentro de

hospitais, segundo a Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018, informa em seu artigo de nº 4 que:

> Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.

A pedagogia hospitalar procura dar continuidade ao processo de escolarização das crianças/adolescentes hospitalizados, os profissionais envolvidos devem ser preparados para atender as especificidades de cada paciente/educando que necessita de atendimento.

Abordando a importância da continuidade nos estudos de crianças/adolescentes em fase de internação para tratamento médico e sobre ter um ambiente preparado para receber os pacientes e atender as suas necessidades, Margarida explana:

> Ressaltando em relação aos espaços que esses profissionais precisam ter nos hospitais de forma geral, onde tem a questão da criança hospitalizada, um espaço bem-organizado, estrutural para atender essas crianças com materiais, porque eu estava recordando aqui, que na época que atuava no hospital, a gente levava muito materiais pedagógicos, confeccionava materiais lúdicos para as crianças.

Além de se ter um ambiente preparado para receber os pacientes, as necessidades das crianças/adolescentes que se encontram internados para tratamento de doenças, precisam serem supridas, pensando nesta conscientização sobre as necessidades desse paciente/educando, Margarida evidencia que:

> Quando cheguei, fui um pouco receosa, porque me tocava muito ver as crianças debilitadas, às vezes com dor; antes de levá-las para um espaço que a gente atendia na ala pediátrica, íamos nos quartos conversar com a criança para ver se aceitariam ir para a área fazer as atividades. Então, no início, estava muito receosa de ver as crianças doentes. Aos poucos e, no decorrer da atuação no hospital, fui me sensibilizando cada vez mais pelas particularidades de cada criança. Me envolvia mais, dialogava mais com a família, comecei a me interessar pelo tratamento daquela criança com preocupação, fui me tornando uma profissional muito mais consciente da realidade daquela criança. Então, as atividades, as dinâmicas, tudo já era pensado com muito mais carinho, pensando nas particularidades de cada criança. Algumas conseguiam ir na área que a gente atendia de cadeira de rodas e já pensava na questão específica dessa criança, de que forma nós poderíamos atender para que pudesse ser inserida também nas brincadeiras, nos jogos, foi um período que como profissional, despertou muito a (minha) consciência a parte de humanização, de pensar na criança com suas particularidades, com o que ela estava passando ali com o tratamento, que estava afastada do seu ambiente, da sua casa, do seu aconchego.

A partir do pensamento de Margarida sobre a oferta de estudo continuado à criança e ao adolescente que se encontram em fase de internação hospitalar para o tratamento de doenças, percebe-se que enquanto permanecer em ambiente hospitalar, lhe será assegurado o direito à educação, sem prejuízo de seu aprendizado, pois os profissionais ali inseridos preocupavam-se em atender todas as crianças/adolescentes, compreendendo também o seu

estado emocional que se encontra alterado devido ao fato da criança e do adolescente se depararem de forma debilitada tanto física quanto emocionalmente.

> Como nós atendíamos na ala pediátrica, o projeto abrange as crianças de 0 à 17 anos (de idade) e era muito irregular a faixa etária das. (...) Duas vezes por semana, na segunda-feira por exemplo, fazíamos também um levantamento com os profissionais para nos informar, tínhamos fichas dos atendimentos. O que preenchíamos nessa ficha? A faixa etária da criança, o município de onde vinha, quando se internou, conversava com os profissionais se tinha alguma previsão de quanto tempo seria o tratamento. Então já tínhamos mais ou menos uma percepção do tempo que aquela criança estaria internada, logicamente que tinha essas particularidades, receber alta antes do previsto, melhora e acabou saindo antes, mas a organização para atender, era mais dessa forma, fazer o planejamento a partir da faixa etária e ir trabalhando com as particularidades de acordo com a criança que estivesse naquela área. Então levávamos as atividades lúdicas de alfabetização, de escrita, de leitura, de atividades; levava caderno, papel sem pausa e a partir do diagnóstico de conversas, fazendo as atividades sobre o alfabeto, sobre as operações matemáticas, dependendo, no momento do que íamos percebendo na criança, se iria conseguir ou não fazer a atividade.

Ainda visando atender as necessidades das crianças/adolescentes impossibilitados de frequentar as salas de aula convencionais, devido a sua internação hospitalar, a Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, pede ainda que uma ação seja realizada de forma integrada entre os sistemas, a fim de garantir atendimento especializado conforme a necessidade dos alunos/pacientes, assim, garante em seu 13º artigo:

> Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio.
>
> § 1o As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.
>
> § 2o Nos casos de que trata este Artigo, a certificação de frequência deve ser realizada com base no relatório elaborado pelo professor especializado que atende o aluno.

Este atendimento das necessidades das crianças/adolescentes impossibilitados de frequentar a sala de aula é realizado por uma equipe multidisciplinar no ambiente hospitalar, uma equipe formada por diversos profissionais, entre eles: médicos, psicólogos, enfermeiros, incluindo o pedagogo; onde ações são traçadas unindo estes diversos profissionais, a fim de garantir atendimento dos alunos/pacientes; quanto a este atendimento realizado afim de garantir que estas necessidades fossem eliminadas, Margarida relata:

> A minha experiência quanto a questão de trabalhar com outros profissionais de forma integrada, os enfermeiros, os psicólogos que atendiam as crianças dialogavam com a gente e nos relatavam as particularidades da criança em relação à doença que estava tratando; nos orientavam, quando tínhamos que aguardar um pouquinho mais

> para que a criança conseguisse fazer as atividades. A minha percepção em relação a essa parceria era muito positiva e a gente percebia que eles nos procuravam para falar que era um trabalho muito importante que deixava as crianças mais leves, que as distraíam e que, de uma certa forma, até esqueciam um pouquinho aquele contexto em que estavam. Pediam para que voltássemos, sugeriam atividades que poderíamos integrar algumas crianças que estavam com mais dificuldades, com algumas limitações em relação ao tratamento. Não atendíamos as crianças todos os dias, então alguns profissionais falavam: "Olha, fulano sentiu a falta de vocês e perguntou por vocês ontem". Essa troca era muito importante e necessária, digamos assim porque eles faziam o trabalho deles, e a gente com essa parte mais lúdica, das brincadeiras, dos jogos para não trazer só a questão da escolarização para criança.

Ao falar sobre o termo multidisciplinaridade, as autoras fazem uma breve explanação acerca, onde:

> Neste contexto, é essencial a atuação integrada dos diversos profissionais da área de saúde, educação e demais profissionais que se proponham ao desempenho cada vez mais qualificado desta nobre tarefa. Assim, a multidisciplinaridade corresponde aos diversos saberes conferidos em ambiente hospitalar, como sensível resposta à promoção da vida com saúde, para onde convergem as diversas ciências em prol da vida com mais qualidade. (Matos e Mugiatti, 2009, p. 30).

Com a atuação de diversos profissionais por meio da contribuição multi/interdisciplinar em ambiente hospitalar, além da continuidade em seus estudos esses profissionais possibilitam ao paciente/criança ter ao mesmo tempo motivação, distração, aprendizado e principalmente sociabilidade, sendo estes elementos importantes a estadia da pessoa enferma e hospitalizada, elementos estes que enaltecem a importância que a pedagogia hospitalar exerce em hospitais com as suas contribuições e práticas.

Diante disto, quando se fala sobre a adequada atenção que deve ser atribuída a criança/adolescente, devemos ressaltar a importância da formação continuada por parte desses profissionais responsáveis pelo atendimento educacional destinado, buscando aprimorar os seus conhecimentos, propondo ampliar caminhos nas opções e recomendações de trabalho, sobre isto a autora ocupa-se:

> Os pedagogos e os profissionais que atuam em educação atualmente devem ter competências técnicas e humanas desenvolvidas, pautadas em conceitos atuais que permitam olhar a realidade e recriá-la com certeza da promoção do desenvolvimento local e da sua ação para geração de diversos espaços educacionais. (Farfus, 2012, p. 72).

Neste contexto, cabe salientar que a educação destinada a crianças e adolescentes acometidos por doenças e que se encontram em fase internação hospitalar para tratamento médico, não pode ser vista com um fator de descontinuidade em seus estudos, mesmo necessitando por este motivo ausentar-se de suas rotinas escolares; respeitadas as necessidades e especificidades de cada caso, devendo sempre que possível, ser feito o acompanhamento desses alunos/pacientes com uma equipe multidisciplinar do hospital,

inclusive o profissional responsável necessita possuir uma formação capacitada afim de que se execute um atendimento cabível, visando sanar este entrave, as instituições hospitalares passaram a adotar este tipo de atendimento denominado então pedagogia hospitalar.

Pedagogia Hospitalar e suas contribuições ao processo de humanização

A formação humanística, típica dos cursos de licenciatura em Pedagogia, possibilita ao graduando se desenvolver para a atuação profissional em diversos campos e contextos diferentes. Neste caso, a pesquisa evidencia que a atuação do pedagogo em ambientes hospitalares é um fator que favorece e evidencia o processo de humanização.

A seguir, Margarida relata como iniciou sua atuação na pedagogia hospitalar:

> A minha atuação na pedagogia hospitalar iniciou no sexto semestre do meu curso de pedagogia e, na época, também passei na monitoria, comecei a me aproximar também de grupos de pesquisas junto com alguns colegas, tinha uma amiga que participava de um projeto nesse hospital também como monitora, fiquei interessada e comecei a participar, atuei pelo interesse mesmo, pela curiosidade de saber como o pedagogo atuaria no espaço hospitalar, visto que tinha a visão do pedagogo como profissional no âmbito escolar, então comecei a participar do projeto na ala pediátrica desse hospital, atuando por um ano com as crianças.

A fala da colaboradora da pesquisa nos convida a refletir a importância em se ter um mediador para as aprendizagens das crianças em ambientes não escolares como hospitais por exemplo, em que o pedagogo passa a ser o profissional habilitado para desempenhar tal função, tornando-se um facilitador, favorecendo que a criança hospitalizada tenha autonomia e possa se expressar apropriando-se de suas próprias experiências durante esse processo de internação hospitalar.

A criança e o adolescente têm direito ao acesso à saúde e à educação, mesmo quando a sua rotina escolar é ceifada de forma brusca, resultando em uma internação hospitalar para tratamento médico por tempo indeterminado, como autor relata:

> Com o rompimento do processo escolar em uma internação, a Pedagogia Hospitalar pretende oferecer à criança e ao adolescente, ao longo do tratamento, um estudo continuado que valoriza o seu direito à educação e que permita dar andamento a formação do indivíduo como cidadão. (Silva, 2021).

Contemplando os dizeres do autor Silva e a partir da vivência da pedagoga Margarida no hospital, podemos observar um pouco sobre a rotina escolar que é oferecida em hospitais para o ensino de crianças/adolescentes em fase de internação hospitalar.

> Nós realizávamos um diagnóstico prévio em relação à criança que estava naquele dia ou naquela semana, se conheciam o alfabeto, se sabiam ler, escrever; a partir desse diagnóstico, nós tínhamos atividades específicas para isso; (...) qual seria o grau de conhecimento que tinham e a partir disso, iríamos elaborar atividades específicas para cada criança, como nós éramos entre duas à três pessoas que

> atendiam, dividíamos: as crianças que não eram alfabetizadas ficavam com um grupo e as crianças alfabetizadas ficavam com outro (grupo) e íamos auxiliando essas crianças, por exemplo, com as crianças que não eram alfabetizadas nos trabalhávamos com a cultura, com a questão motora da criança, com a atividade de pintura, de pinça. (...) As crianças que já eram alfabetizadas, (...) por exemplo, se tivesse na quarta série iríamos verificar/analisar se ela conseguia fazer as atividades com conteúdo voltado para essa série, se não, a gente dava um "reforçozinho", com os conteúdos que estariam trabalhando no ano, então elaborávamos as atividades, as dinâmicas, de acordo com a necessidade daquela criança, com relação a questão da escrita, a questão da leitura, trabalhávamos bastante com histórias, para instigar a leitura da criança.

O relato da profissional evidencia a preocupação da equipe da pedagogia hospitalar em dar continuidade ao atendimento educacional das crianças, de acordo com a sua faixa de idade/ano e rotinas que desenvolviam na educação regular.

A partir das falas de Margarida, podemos observar que o ato de ensinar necessita de diversos fatores, para o autor Paulo Freire (1996, p. 25) o ato de ensinar é muito mais do que transferir conhecimento, sendo este pensamento relatado no fragmento abaixo:

> É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido.

Para o autor Paulo Freire o ato de ensinar é uma atividade que precisa ser vivida, é algo em que o professor sente, internaliza e compartilha seus conhecimentos e experiências tanto em suas práticas corriqueiras quanto em sua vida. Ensinar é um ato de amor, uma experiência que engrandece o ser humano, devendo ser respeitada e dada a importância que de fato possui. Considerando este pensamento, a pedagoga Margarida relata um pouco mais sobre o seu amor em ensinar as crianças no hospital.

> A gente pensa na escola de formar o aluno com as suas particularidades cognitivas, com as suas particularidades culturais e no âmbito hospitalar também é dessa forma, a gente consegue relacionar, você ver o aluno/paciente ali na sua particularidade de tratamento, na sua particularidade de cultura, de onde esse aluno veio, da sua identidade e a partir disso, ensinar com amor, ensinar com afeto, porque para além de conhecimentos de conteúdos, estamos formando também cidadão e a gente leva isso também para o âmbito hospitalar, como profissional, como pedagoga.

Diante do depoimento emocionado da pedagoga podemos concluir que aqueles com a pretensão de atuar neste contexto, necessitam compreender que sentimentos como o amor e o afeto são itens fundamentais na prática destes profissionais.

A aprendizagem e disseminação de conhecimentos em hospitais por meio da contribuição multidisciplinar favorece a continuidade na educação dessas crianças/adolescentes que foram acometidos por enfermidades e que por esse motivo,

necessitam de internação hospitalar, ocasionando assim, um afastamento de suas atividades escolares por tempo indeterminado.

Acometida por enfermidades a criança adolescente geralmente é forçada a ausentar-se da sala de aula, afastar-se de seus familiares, seus amigos e seus animais de estimação, ocasionando assim uma tristeza e desanimo por parte deste aluno/paciente, além de o hospital ser um ambiente desconhecido para a criança/adolescente, quando essa por tempo indeterminado necessita de internação hospitalar. A presença desses profissionais pedagogos, nesses ambientes, torna esse tipo de atendimento mais humanizado e sociável, trazendo dessa forma, avanços tanto para a educação quanto para a saúde, abordando a humanização desses profissionais, os autores articulam:

> Uma atuação mais eficiente contribuiria positivamente para o desenvolvimento geral da criança cujo estado de saúde requeira hospitalização. Uma vez mais fica aqui ressaltado que a motivação do profissional de educação é imprescindível para que o mesmo atue em modalidades de atendimento específicas ou peculiares, diferentes de uma escola comum. Uma mais cuidadosa atuação se faz necessária e, certamente, contribuirá para um melhor desempenho escolar do aluno que recebe o atendimento especializado de uma classe hospitalar. (Fonseca e Ceccim, p.35).

O hospital pode ser visto em alguns casos, como um ambiente ameaçador e desconhecido em que a criança/adolescente muitas vezes precisa se ausentar, sair de forma inesperada de sua rotina, tanto social e escolar quanto familiar, mas também pode ser visto como um ambiente de organização que proporciona assistência médica e educacional, esta última no papel do pedagogo, onde em um mesmo ambiente hospitalar pode-se ter a restauração da saúde, a prevenção e cura de enfermidades, e a oferta de educação.

Quanto aos desafios trazidos para a área da pedagogia hospitalar percebe-se que vão além de procurar sanar as necessidades do paciente/educando, algumas vezes os desafios estão presentes desde o início da trajetória desse profissional, estando presente em sua graduação e/ou em seu local de trabalho, quanto a este desafio trazido, Margarida pensa que:

> A minha percepção, desde quando entrei no curso de pedagogia em 2013 para atualidade é que se fala mais no pedagogo em ambiente não escolar, contudo ainda é muito restrito, e a questão de como que esse pedagogo vai atuar no hospital? Qual é a competência? Quais são as atividades que pode realizar ali? Acredito que esta dificuldade desse entendimento, dessa compreensão se dá desde a sua formação, porque às vezes, se você como aluno, se engajar em algum projeto e buscar conhecer mais sobre esse âmbito não escolar, consegue adentrar com maior particularidade, mas se não, acaba se restringindo mesmo ao ambiente escolar; isso vai também desde a nível de graduação, de formação pública quanto privada, acredito que falta muito ainda trabalhar de forma mais ampla, com maiores discussões sobre as áreas e as competências do pedagogo em ambientes não escolares, em particular na pedagogia hospitalar, acredito também que um dos desafios que ainda se tem hoje é ter espaços próprios, mais adequados dos hospitais para atender essas crianças. (...) Acredito que um dos desafios, das dificuldades ainda é a carência de ensino nos

> cursos de graduação na pedagogia voltado para o trabalho hospitalar, acredito que ainda é pouco debatido na graduação.

Considerando a fala acima de Margarida, podemos observar que a profissional acredita que um melhor ensino poderia ter sido ofertado durante o seu período de graduação, pensamento este que eu enquanto autora deste artigo compartilho.

A instituição de ensino superior está preocupada em garantir a melhor formação para seus alunos, transmitindo conhecimentos teóricos e práticos para a sua formação profissional e ética, tentando trabalhar as suas habilidades profissionais por meio das disciplinas de estágios ofertadas no decorrer do curso, contribuindo assim para uma melhor preparação para o mercado de trabalho, onde os mesmos possam desenvolver as suas habilidades profissionais.

Contudo, partindo da premissa que os cursos são escolhidos mediante as personalidades e os perfis de cada discente, levando em consideração suas escolhas e preferências, essas mesmas intuições de ensino necessitam melhorar suas práticas, quanto ao desenvolvimento das habilidades necessárias para a atuação do aluno no mercado de trabalho, permitindo ter melhores oportunidades ofertadas e possibilitando que o aluno adquira uma maior segurança ao entrar no mercado de trabalho.

Pensando em cura de doenças, se faz importante que a criança/adolescente internado tenha no decorrer do seu dia alegria e distração, para que mediante essa motivação seu sistema imunológico possa reagir, evoluindo para um processo de cura, fazendo com que a criança/adolescente tenha alta médica mais rápido, quanto a trazer alegria as crianças/pacientes, Margarida ressalta:

> As crianças, por exemplo, que passavam mais tempo lá e a gente via todas as semanas, criávamos um afeto muito grande e também era o momento que sorriam, era o momento que era prazeroso, visto que estavam naquela rotina de tratamento, de remédios, de dores, algumas crianças que tinham tratamento bastante invasivos; então era o momento em que a gente percebia que se distraiam, que esqueciam um pouquinho do porquê que estavam ali e a gente também vê no hospital um meio negativo, de doença, porém, também tem a perspectiva de restabelecer a saúde, então, tentávamos fazer com que aqueles dias ali no hospital para criança fosse o mais prazeroso possível, pensávamos em atividades lúdicas, jogos, brincadeiras, atividades de reforço escolar, para que pudesse ter aquele tempinho conosco e fosse prazeroso.

Fonseca e Ceccim nos trazem a importância da motivação dos pacientes em ambiente hospitalar, durante o tratamento médico indicando que quando os pacientes e a equipe da pedagogia hospitalar estão motivados, esse fator favorece a recuperação e o desempenho da criança/adolescente no decorrer do período de internação hospitalar para tratamento de médico.

A pedagoga Margarida traz um emocionante relato sobre a importância da alegria e do ânimo como motivação para a recuperação das crianças/adolescentes e a questão da humanização dentro do ambiente hospitalar:

> Nesse trabalho que fazíamos a humanização era o ponto principal, naquele processo que a gente chama de aluno/paciente, é o pensar na particularidade de cada indivíduo como um ser humano, um ser único que precisa de respeito, que precisa de cuidado, que está ali inserido já em um ambiente delicado, de estar hospitalizado, de estar doente, então como pedagogos, contribuíamos na recuperação da criança. Acredito que a partir do momento que realizávamos uma atividade lúdica, uma brincadeira que despertávamos o sorriso das crianças, o prazer de estar ali realizando as atividades era uma forma de pensar nas particularidades como um ser humano, então acredito como profissional, que o nosso trabalho era muito importante para a criança, para o desenvolvimento cognitivo, do ser criança mesmo, do brincar e de forma humanizada, pensar nas particularidades de cada criança e desenvolver atividades, afetividade a partir disso.

Debatendo ainda sobre a humanização, o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar - PNHAH, ofertado pelo Ministério da Saúde, traz o seguinte pensamento quanto a humanização de profissionais em ambiente hospitalar:

> A experiência cotidiana do atendimento da pessoa nos serviços de saúde e os resultados de pesquisas de avaliação desses serviços têm demonstrado que a qualidade da atenção ao usuário é uma das questões mais críticas do sistema de saúde brasileiro. Na avaliação do público, a forma do atendimento, a capacidade demonstrada pelos profissionais de saúde para compreender suas demandas e suas expectativas são fatores que chegam a ser mais valorizados que a falta de médicos, a falta de espaço nos hospitais, a falta de medicamentos etc.
> Evidentemente, todos esses aspectos são importantes para a qualidade do sistema; porém, as tecnologias e os dispositivos organizacionais, sobretudo numa área como a da saúde, não funcionam sozinhos – sua eficácia é fortemente influenciada pela qualidade do fator humano e do relacionamento que se estabelece entre profissionais e usuários no processo de atendimento. (2001, p. 1).

A humanização atualmente está presente no ambiente hospitalar, desafiando o profissional a ser mais atencioso e gracioso, com seus pacientes durante o atendimento tanto médico quanto educacional, pois é importante que esse paciente se sinta uma peça relevante no decorrer de seu tratamento e que seja identificado pelo seu nome e não pela sua doença ou limitação.

Propondo um atendimento mais humanizado por parte dos profissionais que lidam com os pacientes hospitalizados, o Ministério da Saúde do Brasil no ano 2000, apresentou o Projeto-Piloto do Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar - PNHAH, após uma pesquisa ter manifestado um número elevado de reclamações partindo dos usuários de hospitais, onde relataram terem sido submetidos a um atendimento ruim e de baixa qualidade, além do despreparo quanto ao relacionamento profissional-paciente; o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar – PNHAH possuiu a duração do ano de

2000 até 2002, após esse período, no ano de 2003, se tornou a Política Nacional da Humanização – PNH, estando presente no SUS.

A partir desse trecho pode-se observar a importância de trazer para o ambiente hospitalar o cuidado com os pacientes, levando em consideração a fragilidade em que se encontram, a Política Nacional de Humanização – Humaniza SUS relata que:

> A humanização é a valorização dos usuários, trabalhadores e gestores no processo de produção de saúde. Valorizar os sujeitos é oportunizar uma maior autonomia, a ampliação da sua capacidade de transformar a realidade em que vivem, através da responsabilidade compartilhada, da criação de vínculos solidários, da participação coletiva nos processos de gestão e de produção de saúde. (s.d.)

Para um melhor entendimento quanto as políticas de humanização realizadas pela área da saúde, se faz importante explanar um pouco sobre tais políticas.

No ano 2000 o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar – PNHAH foi o responsável por originar o Manual de Humanização, possibilitando um suporte ao SUS, contendo informações visando um atendimento melhor, mais humanizado e efetivo na área da saúde, valorizando para isso, a relação paciente-profissional.

Contudo, no ano 2003 o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar – PNHAH se transformou na Política Nacional da Humanização – PNH, a partir desse momento devendo estar presente em todas as ações da área da saúde, possuindo princípios tais como a atuação de forma cooperativa e solidária, fortalecer o trabalho em equipe multiprofissional, utilizar a informação, comunicação e educação objetivando a autonomia dos sujeitos, entre outros; compreendendo dessa forma que somente por meio da humanização de todos os sujeitos atuantes na área da saúde (Política Nacional de Humanização – Humaniza SUS), possuindo o seu início com a entrada do paciente no hospital encerrando-se com a sua pós-alta; assim dessa forma, possibilitará um resultado satisfatório para todos os envolvidos.

Abordando a importância da humanização em ambiente hospitalar, a profissional Margarida relata um caso que marcou a sua vivência no hospital:

> Conheci uma criança que tinha cerca de 5 aninhos, já nasceu, com a saúde bem comprometida, não falava, não andava, ficava respirando a partir de aparelhos. Só que desde muito cedo, a equipe da pedagogia hospitalar: os profissionais pedagogos juntamente com psicólogo, com pediatra, faziam um trabalho multidisciplinar, então trabalhava-se com ela a questão da coordenação motora, das cores e ela conseguia identificar/reconhecer algumas coisas só pelo olhar. A partir desse momento que a conheci, que vi todo o trabalho que já estava sendo feito com ela antes de eu chegar, me interessei muito por acompanhar. Até mesmo para aprender como profissional a trabalhar com crianças que tenham maiores limitações, que tinham particularidades muito específicas, no caso essa criança, não falava, não andava, não levantava da cama, era acamada, mesmo assim, se fazia um trabalho com muito amor, com muito

> cuidado com essa criança. Comecei a pedir para acompanhar ela também, como não íamos todos os dias da semana, eu revezava estar com ela ou então pedia para sempre entre um intervalo e outro passar com essa criança para acompanhar e ver como as outras profissionais trabalhavam com ela. Também estar inserida nesse processo de planejar as atividades que eram feitas com elas, de como é que as pedagogas já trabalhavam com essa criança, então algo que marcou muito: não falava, não andava, mas mesmo assim, com muito amor ela era assim era "xodó" da ala pediátrica. Todo mundo a conhecia e já sabia do trabalho que era feito com ela, que acrescentava muito no trabalho com os outros profissionais com o pediatra e com o fisioterapeuta, então o pedagogo, vem para somar mesmo no tratamento, no desenvolvimento da criança e no desenvolvimento também cognitivo, porque a gente conseguia ver/perceber que ela aprendia e isso achava assim, muito, muito lindo e mais ainda essa questão de sensibilizar, procurar estudar, atividades e artigos, autores que escrevessem sobre isso para a gente aprender cada vez mais a levar coisas novas para ajudar no desenvolvimento dela. Então essa criança me marcou muito.

O sentimento de ser identificado somente por uma doença traz a criança/adolescente uma baixa autoestima, logo, um atendimento mais humanizado por parte da assistência hospitalar, faz com que esse paciente seja tratado como prioridade, assim dessa forma, ocorre uma elevação em sua saúde emocional, pois, as questões psicológicas são consideráveis para a melhoria de seu quadro clínico, assim que os profissionais ofertam um serviço com qualidade elevada mediante a sua capacitação/formação, os valores de vida humana são estabelecidos, enaltecidos e levados em consideração nesse processo de internação.

Possibilitar aos multiprofissionais meios para que se possa desenvolver as suas atividades de forma corriqueira é item necessário, sobre isso:

> Por meio da contribuição multi/interdisciplinar, o objetivo do pedagogo hospitalar é desenvolver atividades didáticas, além de motivar e incentivar a participação do paciente durante o seu tratamento, pois há muitos meios pelos quais o paciente e a família reagem ao receber um diagnóstico de câncer, com a negação, a depressão, com a aceitação, etc, apesar das diferentes reações, todos precisam de atenção e carinho. (Silva, 2021).

Ao abordar questões quanto a humanização em ambientes hospitalares, deve-se ressaltar que essa equipe multidisciplinar responsável pelo atendimento e assistência dessas crianças/adolescentes, também necessita de cuidados, afirmativa essa reforçada pela fala da pedagoga:

> Em relação a nossa questão emocional como profissional atuando naquele ambiente, tínhamos profissionais psicólogos para compartilhar experiências. Outras pessoas que trabalhavam por exemplo, de forma integrada na hemodiálise, então, tínhamos momentos de reunião para socializar as nossas experiências, a escuta, os relatos, nesse momento a gente se fortalecia e os psicólogos também, em relação à questão emocional das crianças e da família, íamos muito pelo viés da escuta, de ouvi-los, de compreendê-los e respeitando o tempo da criança, respeitando também o tempo da família que às vezes ficava receosa de deixar a criança sair.

Para que a classe hospitalar possa atuar, primeiro é necessário que se estabeleçam diretrizes regularizando e garantindo o direito à educação para todos, a partir disto, pode-se dizer que quanto a educação, para a criança/adolescente, lhe é garantida a continuidade em seus estudos escolares, mediante a colaboração da sociedade como os familiares, os amigos, os profissionais, etc., em diversos locais, mesmo que distante de uma sala de aula convencional, pois vivemos em uma sociedade, onde cada indivíduo possui a sua atuação e importância.

Considerações Finais

A partir das discussões promovidas neste artigo pode-se reforçar a importância do tema abordado enfatizando que a pedagogia hospitalar ainda deve percorrer um caminho frente aos entraves que surgem com o passar dos dias, observando que mesmo o hospital sendo visto como um ambiente desconhecido e até mesmo ameaçador, este pensamento torna-se mais ameno, no momento em que se estabelece uma rotina em suas atividades, passando assim, a ser adaptado pedagogicamente para receber as crianças/adolescentes.

Analisando os pensamentos dos autores trazidos neste artigo, pode-se dizer que são direcionados em um mesmo caminho, basicamente conversam entre si, e fazem correspondência com os pensamentos e vivências relatados pela pedagoga entrevistada, evidenciando conceitos, desafios e contribuições da pedagogia para a humanização hospitalar.

A entrevista da pedagoga Margarida foi sem dúvida, elemento indispensável para a elaboração deste artigo, acrescentando itens importantes, demonstrando assim, que a implementação de projetos de pesquisa e extensão aplicados nos hospitais, permitem o desenvolvimento cognitivo de crianças/adolescentes que se encontram em fase de internação hospitalar para o tratamento de doenças, possibilitando momentos de socialização e vivência escolar, mesmo em ambiente hospitalar, além disso, possibilita a vivência, o aprendizado e a capacitação ao pedagogo hospitalar.

No decorrer do artigo, podemos perceber que se responde à questão problema quando o pedagogo auxilia na continuidade da educação da criança/adolescente hospitalizado, quando procura sanar as suas necessidades atendendo as especificidades de cada caso, utilizando para isso, ferramentas além de contar com o auxílio de uma equipe multidisciplinar, traçando metas que são aplicadas no decorrer do tratamento médico.

A pedagogia hospitalar contribui de forma eficiente na recuperação desses alunos/pacientes internados para tratamento médico, levando ânimo, alegria, motivação e

socialização aos seus pacientes/educando, mesmo quando se encontrarem em leitos; os desafios dessa área são diversos entre eles atender as especificidades de cada crianças/adolescentes hospitalizados, além de algumas vezes, sendo identificado desafios em sua graduação ou em seu próprio local de trabalho, mas com determinação, os desafios podem ser vencidos pelos profissionais da área.

O profissional pedagogo visa estabelecer uma relação de confiança com as crianças/adolescentes que atende, necessitando para isso dialogar e aplicar novas práticas para desenvolver a autoestima e trazer resultados visíveis ao tratamento sempre que possível, para isto, o pedagogo hospitalar deve ter um olhar de empatia com as crianças/adolescentes para que possam sentir-se mais confortáveis em participar da rotina de um hospital.

A entrevista realizada para a elaboração deste artigo foi um item muito importante e encontrar uma profissional que aceitasse realizar essa entrevista, foi um pouco difícil, mas com a atenção e disponibilidade da Margarida, a entrevista pode ser feita trazendo um enorme enriquecimento ao artigo com vivências profundas e prazerosas de serem lidas, evidenciando assim, a atuação do profissional de pedagogia em ambientes não escolares, como o ambiente hospitalar por exemplo.

À criança/adolescente em fase de internação hospitalar lhe é garantido o direito de ser acompanhada por um profissional pedagogo que atue em hospital, além de outros profissionais da área da saúde, objetivando não somente o aprendizado, mas também a melhora de seu quadro clínico, pode-se entender como pedagogo, o profissional graduado em pedagogia e capacitado para a atuação em pedagogia hospitalar, se tornando dessa forma, um articulador do trabalho educativo a ser desenvolvido nesse ambiente, sendo um profissional indispensável no contexto escolar, seja dentro ou fora de uma sala de aula.

Referências

SILVA, Américo Junior Nunes da**. Educação enquanto fenômeno social: Democracia e emancipação humana**. Disponível em <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/dowload-post/58757>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia na autonomia saberes necessários à prática educativa**. Disponível em https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em 15 de outubro de 2023.

SILVA, Edna Lúcia da; e MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Disponível em <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>. Acesso em 01 de novembro de 2023.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira e MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar**. 4ª edição, Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

BRASIL. Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018. Disponível em < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm>. Acesso em 11 de dezembro de 2023.

A Classe Hospitalar no Brasil e o Papel do Profissional Docente. [Monografia de Pós-Graduação IFSP/CAB]. Disponível em <https://spo.ifsp.edu.br/images/phocadownload/DOCUMENTOS_MENU_LATERAL_FIXO/POS_GRADUA%C3%87%C3%83O/ESPECIALIZA%C3%87%C3%83O/Forma%C3%A7%C3%A3o_de_Professores_%C3%8Anfase_Ensino_Superior/Produ%C3%A7%C3%B5es/2014/CELI_DE_ALMEIDA_BATISTA.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

BRASIL. Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 11 de dezembro de 2023.

FARFUS, Daniele. **Espaços educativos: um olhar pedagógico**. 1ª edição, Curitiba. InterSaberes, 2012.

FONSECA, Eneida Simões da e CECCIM, Ricardo Burg. **Atendimento pedagógico-educacional hospitalar: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada.** Disponível em <https://cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/62/atendpedagpromocaopsiquicocog.pdf>. Acesso em 12 de dezembro de 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. Disponível em <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnhah01.pdf> Acesso em 14 de dezembro de 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização – HumanizaSUS. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/humanizasus> Acesso em 14 de dezembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por ter me possibilitado finalizar esse curso de pedagogia mesmo com tantos percalços, para o qual estudei sozinha quando chegava em casa após passar o dia inteiro trabalhando; ao meu pai que amo muito e desejo que possa ser cada vez mais feliz e saudável, a espiritualidade amiga que sempre me auxilia, me permitindo permanecer seguindo perante qualquer obstáculo que apareça na vida; a médica que me auxilia no tratamento de minha doença; ao orientador, professor Adriano Sales que foi a primeira pessoa indicada como orientador e aceitou orientar esse artigo e a sua esposa a profissional Elisa, e por último, mas não menos importante, a Margarida (nome fictício), profissional pedagoga que aceitou participar da entrevista com paciência e atenção, destinando seu tempo para que a entrevista pudesse ser realizada e assim fazer parte do artigo, desejo que tenha sucesso em sua jornada.